

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes & Novalis: Romantismo, Infinito e Saudade

Resumo: Neste artigo, analisamos a proximidade existente entre Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes e Novalis. A questão do sonho, do fragmento, o desejo do infinito, temas centrais do pensamento de Novalis, atravessam tanto a obra de Teixeira de Pascoaes quanto a obra pessoana. Para além disto, o mito, outra questão relevante no pensamento do primeiro romantismo alemão, constituem o projecto civilizacional de Pascoaes e de Pessoa, seja através da saudade, seja através da heteronímia.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Novalis, infinito, saudade.

Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes & Novalis: Romanticism, Infinite and Saudade

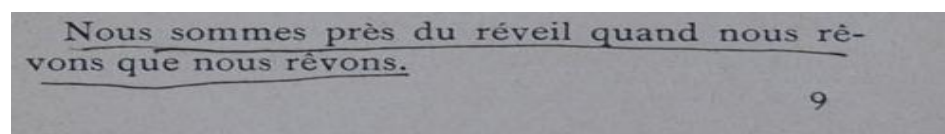
Abstract: In this article we analyse the proximity between Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes and Novalis. The question of dream, fragment and desire of infinite, which are crucial themes in Novalis' thought, pervade both the work of Teixeira de Pascoaes and Pessoa's work. In addition, the myth, another relevant issue in the thought of the first German Romanticism, constitutes the civilizational project of Pascoaes and Pessoa, either through the saudade or through heteronymy.

Keywords: Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Novalis, infinite, saudade.

* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E-mail: claudiasouzza@hotmail.com

Fernando Pessoa foi leitor de Novalis. Na biblioteca particular pessoana consta o livro *Les disciples à Sais et Les fragments*¹¹⁶, bastante sublinhado pelo autor português. A filosofia romântica de Novalis causou um forte impacto na estética pessoana. Esse fato pode ser comprovado no texto de 1928, *O Provincianismo Português*, onde Pessoa faz uma referência direta a uma passagem sublinhada no livro de Novalis, *Les disciples à Sais et Les fragments*:

Para o provincianismo há só uma terapêutica: é o saber que ele existe. O provincianismo vive da inconsciência; de nos supormos civilizados quando não o somos, de nos supormos civilizados precisamente pelas qualidades que o não somos. O princípio da cura está na consciência da doença, o da verdade no conhecimento do erro. Quando um doido sabe que está doido, já não é doido. Estamos perto de acordar, disse Novalis, quando sonhamos que sonhamos.¹¹⁷



Nous sommes près du réveil quand nous rêvons que nous rêvons¹¹⁸.

A literatura pessoana se aproxima em muitos aspectos da filosofia do primeiro romantismo alemão. A valorização do sonho, do fragmento e o desenvolvimento do movimento subjetivo da reflexividade são apenas algumas questões que aparecem tanto na filosofia de Novalis quanto na literatura de Pessoa.

O primeiro romantismo alemão, sobretudo o romantismo de Novalis e dos irmãos Schlegel possui como base estruturante a *sehnsucht*. Essa palavra que é essencial para a compreensão da filosofia do primeiro romantismo alemão é de difícil tradução, como explica a pesquisadora Laura Moosburger em seu texto, *Sehnsucht, o páthos fundamental do romantismo*:

Embora uma tradução única e definitiva da palavra em sua amplitude não seja possível, isso pode ser compensado pela valorização de termos em português que, em conjunto, são capazes de salientar suas várias nuances. Em todo caso, num primeiro momento e como uma possível tradução mais adequada e geral ao

¹¹⁶ NOVALIS, Friedrich von Hardenberg, *Les disciples à Sais et Les fragments*/de Novalis; traduits de l'allemand et précédés d'une introduction par Maurice Maeterlinck, Paul Lacomblez, Paris-Bruxelles 1914.

¹¹⁷ PESSOA, Fernando, *Crítica, ensaio e entrevistas*, Edição de Fernando Cabral Martins, Assírio & Alvim, Lisboa 2000, p.373.

¹¹⁸ NOVALIS, *Les disciples à Sais et Les fragments*/de Novalis; op. cit., p.77. Tradução nossa: *Estamos perto de acordar quando sonhamos que sonhamos*. Rubens Rodrigues Torres Filho em sua edição, *Pólen Novalis*, traduz este trecho de outra forma: *Estamos próximos do despertar, quando sonhamos que sonhamos*. (NOVALIS, Friedrich von Hardenberg, *Pólen - Fragmentos, diálogo, monólogo*, Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho, Editora Iluminuras, São Paulo 2009, p.43).

sentido que o romantismo dá à *Sehnsucht*, proponho aqui traduzi-la como um «infinito desejo de infinito».¹¹⁹

Sehnsucht, ou em português, como propõe a pesquisadora citada acima, o «infinito desejo de infinito», na filosofia do primeiro romantismo alemão é um importante núcleo onde diversas constelações irão circular tendo como ponto de partida uma ânsia pelo infinito, pelo absoluto. A filosofia de Novalis gira em torno desta ânsia, deste «infinito desejo de infinito». A palavra desejo é central para a compreensão da *sehnsucht* romântica e neste aspecto há uma proximidade entre a saudade lusitana e a *sehnsucht*, uma vez que também o desejo, visto como a falta, é central para a compreensão da palavra saudade.

A partir do movimento da Renascença, a saudade lusitana ganha um sentido mais amplo, mais largo: rompe as fronteiras da esfera lírica, transbordando tanto na filosofia e quanto na política. A saudade se torna o núcleo de onde emerge um projeto civilizacional que tem como objetivo fazer renascer Portugal. A saudade é o centro do movimento saudosista e a partir da Renascença portuguesa essa palavra se instaura de forma permanente na alma do povo lusitano. A saudade portuguesa se aproxima da *sehnsucht* alemã, pois também é permeada pelo «infinito desejo de infinito», uma ânsia espiritual de absoluto, como explica Maria das Graças Moreira de Sá em seu livro, *Estética da Saudade*: «(...) à volta das páginas da revista *A Águia* reunirá o poeta [Teixeira de Pascoaes] uma plêiade de escritores que comungará igualmente desta ânsia espiritual de Absoluto¹²⁰.» No contexto saudosismo, a saudade se movimenta entre o passado e o futuro, entre o eterno e o infinito, como define em prosa e em verso Teixeira de Pascoaes:

A lembrança visa o passado, como a esperança o futuro. E o passado e o futuro se tornam presentes por virtude da saudade. E este encontro do passado com o futuro dá-nos a ideia sentimental do eterno.¹²¹

Ó saudade, ó saudade
Que nos meus olhos és perfeita claridade...
Sombra humana que em si contém a luz divina.
Ó veio de água cristalina,
Onde esta sede de infinito saciamos!
Lira da nossa melodia...
Árvore de tristeza, com os ramos

¹¹⁹ MOOSBURGER, Laura de Borba, «Sehnsucht, o páthos fundamental do romantismo», in: Marcelo CARVALHO, Déborah DANOWSKI, Jarlee Oliveira Silva SALVIANO (eds.), *Temas de filosofia*, ANPOF, São Paulo 2015, p.75.

¹²⁰ SÁ, Maria das Graças Moreira de, *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, Lisboa 1992, p. 28.

¹²¹ PASCOAES, Teixeira de, *A velhice do Poeta*, Edições do Tâmega, Amarante 1989, p. 10.

Floridos de alegria.¹²²

Neste aspecto, a saudade se aproxima da filosofia do primeiro romantismo alemão, trata-se de um sentimento-ideia que oscila entre o finito e o infinito, que tem sede do eterno. Pascoaes parece cumprir a premissa de Novalis sobre a importância do artista. Segundo o filósofo alemão: «Apenas do artista é capaz de adivinhar o sentido da vida¹²³.» Pascoaes defendia, assim como Novalis o carácter especial do poeta:

O poeta é um enviado. Ele vem ao mundo afirmar as superiores Potestades que misteriosamente presidem ao drama da Vida e lhe dão sobrenatural sentido. Ele vem sublimar o vulgar, revelar o grande que as pequenas coisas escondem, converter o ruído em harmonia e a harmonia em melodia.¹²⁴

O poeta vem ao mundo com o potencial para transformar o mesmo, e para Pascoaes essa transformação ocorreria através da saudade, uma força capaz de lançar o ser para além da sua finitude, ampliando horizontes, rompendo limites, estabelecendo transformações na realidade portuguesa. O poeta/artista adivinha assim o sentido da vida e não só, no caso do saudosismo, o poeta adivinha o sentido na nação. No contexto do saudosismo, a saudade ultrapassa a esfera do afeto, esse sentimento-ideia torna-se o núcleo de um projeto para a pátria portuguesa, um projeto poético, filosófico e político, como explica Teixeira de Pascoaes:

A Saudade é o próprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o sentimento-ideia, a emoção reflectida, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essência religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedótico de simples gosto amargo de infelizes.¹²⁵

Esse trecho evidencia a profundidade que o sentido da palavra saudade atinge no movimento saudosista e revela que embora haja uma proximidade entre saudade e *sehnschut*, principalmente no que toca à questão do «infinito desejo de infinito», a saudade portuguesa está ligada ao próprio sangue espiritual do povo português e à sua história.

¹²² PASCOAES, Teixeira de, *Versos Pobres*, Editora Livraria Civilização, Porto 1949, p. 28.

¹²³ NOVALIS, *Fragmentos de Novalis*, Assírio & Alvim, Lisboa 1992, p. 49.

¹²⁴ PASCOAES, Teixeira de, *Poetas lusíadas*, Assírio & Alvim, Lisboa 1987, p. 44.

¹²⁵ PASCOAES, Teixeira de, *A Águia*, Janeiro de 1912, p. 2.

Para além da questão da saudade em relação ao desejo e ao infinito, outros aspectos aproximam o saudosismo do primeiro romantismo alemão: a questão do sonho, a ruptura entre os limites que separam a filosofia da poesia e a valorização do mito. O movimento saudosista parece ter dado continuidade ao movimento filosófico do primeiro romantismo alemão. Frederico Reis, personalidade pessoana, percebeu as semelhanças entre o saudosismo e o romantismo, como podemos ler no seguinte trecho:

Ora os saudosistas não pertencem a nenhum grupo destes. São poetas da Natureza, é certo, mas a romântica, da Natureza espiritualizada, transcendentalizada, vista através do espírito humano e atribuindo as coisas qualidades do espírito humano. Essa corrente – como magistralmente provou Fernando Pessoa que com ela esteve ninguém sabe como nem porquê – é um prolongamento lógico e direto do romantismo. Tem valor por isso; é realmente visível, porque com efeito não fica no romantismo como estava, prolonga-o realmente, continua-o, leva-o até ao seu máximo.¹²⁶

A literatura pessoana dialoga tanto com o primeiro romantismo alemão presente nos escritos de Novalis, quanto com o movimento saudosista. Sabemos que Fernando Pessoa estreia como crítico na revista *A Águia* em 1912. Mais tarde, Pessoa se afasta do movimento saudosista. De acordo com a nossa perspectiva, trata-se de um afastamento formal, ou seja, Pessoa deixa de colaborar com a revista *A Águia*, mas não deixa de dialogar com o saudosismo, prova disto são os numerosos documentos presentes em seu espólio sobre esse movimento. Os escritos pessoanos em relação direta ou indireta ao saudosismo oscilam entre a admiração e a crítica. Em um trecho sobre o mestre Alberto Caeiro, por exemplo, Pessoa o aproxima de Teixeira de Pascoaes, como podemos ler:

The very few poets to whom Caeiro may be compared, either because he merely reminds, or might remind, us of them, or because he may be conceived of as having been influenced by them, whether we think it seriously or not, are Whitman, Francis James and the Portuguese poet Teixeira de Pascoaes.¹²⁷

Cientes da relevante posição que o mestre Alberto Caeiro exerce na literatura pessoana, afirmar que Teixeira de Pascoaes é uma das poucas influências do poeta da Natureza é um enorme elogio e demonstra toda a admiração que Pessoa nutria por Teixeira de Pascoaes. Textos como este comprovam que o distanciamento de Pessoa do movimento saudosista é um distanciamento formal, pois o diálogo com o grupo e com as ideias da *Renascença* portuguesa permanece como

¹²⁶ [BNP/E3 – 14⁶ – 3-17].

¹²⁷ [BNP/E3 – 21 -89].

comprovam os documentos do espólio. É interessante observar que o próprio Pessoa se colocava numa posição de discípulo de Caeiro, como está registrado na famosa carta sobre a gênese dos heterónimos, endereçada ao Adolfo Casais Monteiro e também em outro documento do espólio:

Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive.¹²⁸

Sou, porém, menos real que os outros, menos coeso, menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia – 13 de Março de 1914 – quando, tendo ouvido pela primeira vez (isto é, tendo acabado de escrever, de um só hausto do espírito), grande número dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a Chuva Oblíqua (Orpheu 2), manifesto e lógico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa.¹²⁹

Pode-se questionar a relação entre verdade e ficção presente nesta carta pessoana e também no outro texto apresentado, e a crítica literária tem se debruçado exaustivamente neste sentido. Porém, o importante para a nossa pesquisa é perceber que independente de uma verdade absoluta, se é que essa existe, ainda mais se tratando de um autor múltiplo e original como o poeta português em questão, há um fato: Pessoa deixou duplamente registrado, na carta e em outro texto, que era discípulo de Alberto Caeiro, e esse fato, presente nesses documentos compõem a poética pessoana. Assim sendo, percebe-se a importância que a obra de Teixeira de Pascoaes exerceu no campo artístico pessoano, Pascoaes é uma das poucas influências do mestre Caeiro. E ainda há outro aspecto relevante nestes documentos: se Pessoa se sente *menos real, menos coeso, menos pessoal, eminentemente influenciável por todos* os heterónimos, ele também foi influenciado por Teixeira Pascoaes. A poética saudosista, presente na obra de Teixeira de Pascoaes exerceu uma forte influência no mestre Caeiro, pelo viés da Natureza e também em relação ao nervo central da poesia de Caeiro, que movimentou inclusive o importante diálogo entre os heterónimos: a questão do paganismo.

A filosofia do primeiro romantismo alemão que ganha contornos na escrita de Novalis tem também uma forte ressonância na literatura pessoana. Assim como na poética de Pascoaes: a questão do

¹²⁸ PESSOA, Fernando, *Teoria da Heteronímia*, Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Assírio & Alvim, Lisboa 2012, p. 278.

¹²⁹ [BNP/E3 – 20 – 77].

sonho, a ânsia pelo absoluto, pelo infinito, a valorização do fragmento e a importância do mito, também se fazem presente no campo artístico pessoano. Pessoa, assim como Novalis e Pascoaes defendia que o poeta/artista é um enviado, aquele que adivinha o sentido da vida, com capacidade para transformar a realidade a partir da arte, da poesia. Em um texto intitulado *Aspectos*, Fernando Pessoa se denomina um criador de mitos: «Desejo ser um criador de mitos, que é o mistério mais alto que pode obrar alguém da humanidade.» Esse desejo de criar mitos parece se relacionar com a missão do poeta e só se torna possível a partir de um movimento gerado pelo desejo de absoluto, pelo «infinito desejo de infinito», a *sehnsucht*, esse afeto que se transforma no poeta em um mecanismo capaz de abrir espaços subjetivos de reflexão, onde o sujeito cria a partir do vazio, de uma falta, de uma busca, de um desejo, uma poética que atravessa o seu eu sensível e extravasa na realidade empírica. O poeta teria dentro de si um mundo, como escreve Novalis: «O verdadeiro poeta é omnisciente – ele é um mundo real em pequeno»¹³⁰.» Teixeira de Pascoaes e Pessoa parecem comungar deste pensamento sobre o verdadeiro poeta e de seu mundo interior, como podemos ler nas seguintes passagens:

Eu que sou frágil, transitório e vão,
Que projeto, no mundo, a sombra duma cruz...
Que sou a desventura, a morte, a escuridão,
Sinto brilhar, em mim, a eterna luz.¹³¹

Hoje já não tenho personalidade: quanto em mim haja de humano, eu o dividi entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor. Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha.¹³²

A partir deste vasto mundo interior que os escritores da renascença elevaram a saudade lusitana a uma categoria nunca então vista, o afeto ultrapassa limites e conquista os campos da filosofia, política e religião. A saudade se transforma em um mito português com potencial para alterar a realidade da Pátria. É também através desta reflexão, deste desdobramento dentro de si que Pessoa cria mitos. A heteronímia pessoana talvez seja o maior mito criado pelo autor português. Tanto o mito da saudade quanto o mito da heteronímia são construídos a partir de um criação que surge na alma do artista, que é capaz de edificar no espaço vazio da sua subjetividade o sonho que se realiza

¹³⁰ NOVALIS, *Fragmentos de Novalis*, op. cit., p.53.

¹³¹ PASCOAES, Teixeira de, *Para a Luz, Vida Etérea, Elegias, O Doido e a Morte*, Assírio & Alvim, Lisboa 1998, p. 204.

¹³² [BNP/E3 – 20 -75].

através da imaginação e que rompe as barreiras entre o sensível e o concreto, entre o finito e o infinito, estando assim de pleno acordo com a ideias de Pascoaes sobre o homem:

É num absurdo que se firma a nossa existência natural. O homem é um castelo no ar. O que ele tem de não existente é que lhe dá existência. O engano em que ele vive é que lhe dá vida. Toda a realidade do seu corpo se firma na mentira da sua alma. Os mundos, que são existências, giram no espaço vazio, essa *não-existência* ilimitada. Assim, o homem vive através do sonho, esse outro espaço vazio.¹³³

Esse trecho está em consonância com um fragmento escrito por Novalis, no qual o filósofo alemão defende a importância do processo de reflexão e traça uma linha divisória entre refletir e pensar. O ato de pensar abarca todos os seres humanos, mas o pendor para refletir faz parte da subjetividade de alguns escolhidos que geram a progredibilidade. Como mostra o autor alemão:

Onde o genuíno pendor ao refletir, não meramente ao pensar deste ou daquele pensamento, é dominante – aí há também progredibilidade. Muitíssimos doutos não possuem esse pendor. Aprenderam a concluir e inferir, como um sapateiro a confecção de sapatos, sem jamais caírem na ideia de – ou esforçarem-se para – encontrar o fundamento dos pensamentos. Contudo, a salvação não está em nenhum outro caminho. Em muitos esse pendor dura apenas por um tempo – Cresce e diminui – Muito frequentemente com os anos – frequentemente com a descoberta de um sistema, que só procuravam para, a seguir, ficar dispensados da fadiga da reflexão.¹³⁴

O afastamento formal de Pessoa do grupo da *Renascença* talvez tenha relação com essa questão exposta por Novalis. O movimento saudosista apresentava o mito da saudade para fazer renascer Portugal. Havia no pensamento saudosista um núcleo, que é justamente a saudade. Pessoa que acreditava, assim como românticos e os saudosistas, no poder na potencialidade transformador do poeta e ao mesmo tempo um adepto natural da reflexão subjetiva incessante, não poderia circular em volta de um mito que não foi criado, nem reinventado por ele. Os mitos pessoanos, ou foram criados por ele, como é o caso da heteronímia e do sensacionismo, ou receberam uma releitura pessoana intensa, como foi o caso do neo-paganismo e do Quinto Império. Se por um lado a questão da saudade aparece repetidas vezes na obra pessoana nunca ultrapassando as fronteiras do afeto, como é o caso do soneto assinado por Álvaro de Campos: «Há saudades nas pernas e nos braços./há saudades no cérebro por fora./Há grandes raivas feitas de cansaços¹³⁵», por outro lado Pessoa vai mimetizar o gesto de Pascoaes e do grupo da renascença na tentativa de criar, ou re-

¹³³ PASCOAES, Teixeira de, *O Bailado*, Assírio & Alvim, Lisboa 1987, p. 28.

¹³⁴ NOVALIS, *Pólen*, op. cit., p. 63.

¹³⁵ CAMPOS, Álvaro de, *Livro de versos*, Edição de Teresa Rita Lopes, Editorial Estampa, Lisboa 1993, p. 148.

criar um mito capaz de transformar a realidade portuguesa. Existe entre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa uma relação tensa de mestre e discípulo, que vai se transformando ao longo do tempo em uma relação entre dois mestres da literatura portuguesa, que foram capazes de criar mitos e não só, ambos os poetas e pensadores, tanto Pascoaes quanto Pessoa também se transformaram em dois mitos do pensamento português.

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Álvaro de (1993), *Livro de versos*, Edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa: Editorial Estampa.
- MOOSBURGER, Laura de Borba (2015), «Sehnsucht, o páthos fundamental do romantismo». *In*: CARVALHO, Marcelo, DANOWSKI, Déborah, SALVIANO, Jarlee Oliveira Silva (eds.), *Temas de filosofia*, São Paulo: ANPOF, pp. 75-85.
- NOVALIS, Friedrich von Hardenberg (1914), *Les disciples à Sais et Les fragments* /de Novalis, traduits de l'allemand et précédés d'une introduction par Maurice Maeterlinck, Paris-Bruxelles : Paul Lacomblez.
- NOVALIS (1992), *Fragmentos de Novalis*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- NOVALIS, Friedrich von Hardenberg (2009), *Pólen - Fragmentos, diálogo, monólogo*, Tradução, apresentação e notas Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Editora Iluminuras.
- PASCOAES, Teixeira de (1912), *A Águia*, Janeiro.
- PASCOAES, Teixeira de (1949), *Versos Pobres*, Porto: Editora Livraria Civilização.
- PASCOAES, Teixeira de (1987), *O Bailado*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, Teixeira de (1987), *Poetas lusíadas*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- PASCOAES, Teixeira de (1989), *A velhice do Poeta*, Amarante: Edições do Tâmega.
- PASCOAES, Teixeira de (1998), *Para a Luz, Vida Eetérea, Elegias, O Doido e a Morte*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2000), *Crítica, Ensaio e Entrevistas*, Edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando (2012), *Teoria da Heteronímia*, Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa: Assírio & Alvim.
- SÁ, Maria das Graças Moreira de (1992), *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação.
- SOUZA, Cláudia Franco (2016), *O Livro do Desassossego e o romantismo alemão*, Lisboa: Apenas Livros.